



**X COLÓQUIO  
INTERNACIONAL**  
"Educação e Contemporaneidade"  
22 a 24 de Setembro de 2016  
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

## LIVRE EXPRESSÃO DO AFETO EM REPRESENTAÇÕES VISUAIS NOS PROJETOS DE "PLURALIDADES" E "MÚLTIPLOS ÚNICOS"

FERNANDO MARINHO FERNANDES DA SILVA

MARJORIE GARRIDO SEVERO

EIXO: 16. ARTE, EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

**RESUMO** Este artigo apresenta parte de uma pesquisa em curso sobre a representação visual da liberdade do afeto em relações homoafetivas. O objetivo é analisar e refletir a condição da livre manifestação a partir das representações visuais nos projetos de extensão Pluralidades (2010) e Múltiplos Únicos. As etapas foram a descrição dos projetos, a definição das bases conceituais, levantamento das representações visuais e análise de três trabalhos artísticos à luz da cultura visual. O nosso conceito vincula-se a perspectiva defendida por Hernández (2000) como Compreensão Crítica Visual. Consideramos que a cultura visual precisa ser questionada como processo educativo e crítico. As representações visuais dos afetos nas relações homoafetivas lhes dão visibilidade como também as afetando assim o direito a livre expressão. **Palavras-chaves:** Cultura Visual; Liberdade de Expressão; Homoafetividade. **RESUMEN** Este artículo presenta parte de una investigación en curso sobre la representación visual de la libre expresión de afecto en las relaciones homoafectivas. El objetivo es analizar y reflexionar sobre la libre expresión de afecto por parte de las representaciones visuales en los proyectos Pluralidades (2010) y Múltiplos Únicos (2013). Las etapas fueron la descripción de los proyectos, la definición de las bases conceptuales, identificación del origen de las representaciones visuales y análisis de tres obras de arte a la luz de la cultura visual. Nuestra base conceptual está involucrada a la tesis defendida por Hernández (2000) Comprensión Crítica de la Cultura Visual. Creemos que la cultura visual necesita ser cuestionada como proceso educativo y crítico-social. Las representaciones visuales de los afectos en las relaciones homoafectivas les dan visibilidad, así como naturalizarlas, haciendo así efectivo el derecho a la libre expresión. **Palabras clave:** Cultura Visual; Libertad de Expresión; Homoafectividad.

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta parte de uma pesquisa em andamento sobre propostas artísticas da liberdade do afeto em relações homoafetivas. Esta temática tem sempre feito parte de nossas propostas e abordagens extensionistas nos projetos desenvolvidos no percurso acadêmico. O objetivo é analisar e refletir a condição da livre expressão do afeto a partir das representações visuais de extensão Pluralidades e Múltiplos Únicos desenvolvidos em Aracaju. Aqui também será discutida a legislação que visa proteger ou promover o direito a livre expressão do afeto. As questões de pesquisa são: Por que a representação visual do beijo/afeto ou mesmo, a sua insinuação ou entre pessoas do mesmo sexo, ainda causa estranheza, repulsa e indignação?

Por que pessoas do mesmo sexo não podem trocar afetos, enquanto outras, de se manifestam livremente seus afetos?

As respostas a estas questões irão ter fundamento religioso, biológico, médico e social. Para iremos focar em uma questão mais específica: Como os projetos de extensão Pluralidade e Múltiplos Únicos abordaram a manifestação homoafetiva a partir das artes visuais?

As etapas foram a descrição dos projetos, a definição das bases conceituais, levantamento de representações visuais e análise de três trabalhos artísticos à luz da cultura visual. Enquanto na Universidade Federal de Sergipe e da Universidade Tiradentes, desenvolvemos os dois projetos de extensão, o primeiro, Pluralidades em 2010 e o segundo, Múltiplos Únicos, em 2013. O nosso conceito conceitual vincula-se a perspectiva defendida por Hernández (2000) como Compreensão da Cultura Visual, principalmente em seu aspecto Crítico-social, que segundo o autor, "representações e artefatos têm contribuído para a configuração atual das políticas da mídia e das relações de poder.". Assim o enfoque da Cultura Visual será a base para a reflexão sobre as representações que auxiliam na visibilidade. Temática urgente e que se insere num campo que tem importantes contribuições porém muito ainda por realizar.

**2. HOMOSSEXUALIDADE E EXPRESSÃO DO AFETO COMO DIREITO** O debate sobre sexualidades se amplia com as mudanças sociais. O movimento LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transsexuais, é organizado e promove uma ampla gama de ativismo político e atividade cultural, incluindo marchas de rua, campanhas de informação, mídia, arte, design e pesquisa acadêmica. O movimento atual deriva de suas linhas ideológicas orientadoras durante as décadas de 1960 e de 1970, época da Revolução Sexual, vinculada aos debates promovidos pelo movimento feminista, com a influência de Simone de Beauvoir de 1949, *O segundo sexo*, com a ascensão de movimentos libertários, ambientais e da análise epidemiológica dos primeiros casos de AIDS. Devido à imagem de "doença" e de "ameaça à saúde pública" o movimento LGBT viu-se ativamente envolvido nas campanhas de apoio às vítimas da AIDS. O movimento moderno pelos direitos da população LGBT se desenvolve neste contexto assim surge um novo sujeito político. Evocamos a Declaração Universal dos Direitos Humanos

que foi proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris, em 10 de Dezembro através da Resolução 217 A (III) da Assembleia Geral, como uma grande carta de intenções alcançadas por todos os povos e nações. O direito à livre expressão do afeto entre pessoas cumpre com o disposto nos artigos 1º, 2º em seu inciso I e 3º da Declaração. Este último ser humano tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.” (ONU, 2009, p. demonstração de afeto com carícias, mãos dadas e beijos, entre pessoas do mesmo considerada ato obsceno por muitas pessoas. Temos vários exemplos veiculados na mídia reação ofensiva e violenta contra manifestações de afeto público de pessoas homossexuais; polícia em vários estados brasileiros ainda comete agressão ao direito à livre expressão afeto da declaração é limitado na realidade objetiva de cada país, mas constitui-se em um marco internacional. Os direitos humanos são socialmente determinados e construídos historicamente conforme afirma Norberto Bobbio,

[...] os direitos do homem, por mais fundamentais que sejam, históricos, ou seja, nascidos em certas circunstâncias, caracterizados pela defesa de novas liberdades contra velhos poderes, e nascidos de modo que todos de uma só vez e bem de uma vez por todas. (BOBBIO, 2004, resistência de *The Stonewall Inn* em Nova Iorque, 1969, bar *gay* alvo de ações policiais, a reivindicação de igualdade para os que amam pessoas do mesmo sexo heterossexista se dissemina. A igualdade de direitos e a dignidade humana são cotidianamente reafirmadas. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010), no Brasil existem mais de 60 mil casais homossexuais. Portanto, são cerca de 120 mil pessoas que cotidianamente convivem com reações de estranhamento da maior parte da população para com essas expressões afetivas públicas. A homofobia historicamente é causada por discriminação, constrangimentos e desigualdades de todo tipo. É um fenômeno social e também uma manifestação do sexismo, pois articula uma forma de hostilidade. Borrillo (2009) considera que a homofobia não é uma violência contra homossexuais, mas que conspira contra os valores fundadores da sociedade ocidental. “deve ser considerada um delito suscetível de sanção jurídica”. A homofobia caracteriza-se por ser um fenômeno social amplo e que está enraizada na história, os aspectos individuais da homossexualidade foram tolerados ou condenados, de acordo com as normas sexuais vigentes em cada cultura. Quando admirados, esses aspectos eram entendidos como um meio de melhorar a sociedade; quando condenados, eram considerados um tipo de doença ou desvio moral, sendo, em alguns casos, proibidos por lei. Nos meados do século XX, a homossexualidade tem sido desclassificada como



debates ao longo do evento. Para a exposição de livros-objeto, nós preparamos dois trabalhos. Descreveremos aqui o trabalho que dis expressão do afeto. Antes disso, teceremos algumas observações sobre o livro-objeto. O termo livro-objeto designa uma ampla gama de trabalhos desde os que apresentam semelhanças formais com o objeto livre diferenciaram-se dele radicalmente. O *Getty Vocabulary Program* conceitua como obra escultórica que ora toma a forma do livro ora sua estrutura estabelece um sentido de leitura característico do livro. Para Marcelo Terça objeto caracteriza-se por uma construção desprovida de padrões formais excedendo assim o conceito de livro. Outro autor, Silveira (2013, p. 20), conceitua o livro-objeto como o resultado de uma elaboração plástica na qual forma, conteúdo e função são invocadas expressivamente e ordenam o processo criativo. Por essas características, como por exemplo, a estrutura do livro ou a presença do texto, o livro-objeto situa-se entre a arte, o design e a comunicação. No trabalho que descreveremos chama-se *Ilicença*, um neologismo, foi criado a atenção à necessidade de expressar o afeto em público como uma atitude de naturalização dos afetos homoeróticos. Podemos observá-lo também na afirmação do caráter legítimo da expressão dos afetos, uma vez que, o pre negação e, portanto, a não necessidade de se pedir autorização a outrem compõe-se de uma série de fotografias impressas em película transparente vez foram fixadas em placas de acrílico também transparentes. Essas penduradas em uma vara, como num cabideiro, de modo que, a pessoa com o trabalho, relocando as placas, poderia propor combinações de uma com outra. As placas traziam imagens de rostos, braços e mãos, peitos possibilitando assim as mais diversas combinações. O *Ilicença* trazia, ao longo da galeria, representações das manifestações de afeto. As imagens foram numa sessão conduzida pela fotógrafa Isa Vanny, na época, professora também por Márjorie Severo que colaborou na direção de fotografia; provocou muitas discussões. Relatos das duplas de mediadores, discentes Prática de Ensino em Artes Visuais da UFS, descreveram situações de apelo pelos visitantes. **4. MÚLTIPLOS ÚNICOS** Em 2013 a partir da disciplina Prática de Ensino em Formas Expressivas Bidimensionais VI – Gravura, do curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Sergipe, produzimos um projeto de extensão uma exposição de gravuras, um debate e uma oficina de gravura. Ass **Múltiplos Únicos** foi aprovado no Edital da Galeria de Artes do SES

exposição aconteceu de 29 de agosto a 26 de setembro de 2013. As gravuras foram realizadas nas técnicas de gravação em relevo e didaticamente com o intuito de contribuir com a ampliação do repertório do público visitante. Os debates sobre diversas problemáticas que foram apontados pelos membros do coletivo. A partir deste projeto fundamos o Coletivo Com[posições] Críticas, com artistas, professores e estudantes de artes visuais e de design gráfico, como integrantes. A exposição *Múltiplos Únicos* abordou a dualidade entre a imagem e a singularidade a partir da própria reprodutibilidade, característica da gravura. A relação unidade/multiplicidade tão peculiar à gravura é uma condição que faz com que cada um seja único, como um coletivo de seres humanos. Temas como meio ambiente, sexualidades, gênero, religião e diversidade fundamentaram a produção dos trabalhos. Dentre estes trabalhos, daremos atenção a duas gravuras: *Múltiplos em um*, de autoria de Luiz Eduardo Góes, Luiz Doo, Márjorie Severo e Fernando Marinho e as gravuras *Afeto 1, 2 e 3* de Fernando Marinho. Ambos abordam a livre manifestação do afeto. A gravura *Um* foi estruturada em forma de mandala. O termo mandala provém da língua sânscrita, falada na Índia antiga, e significa, literalmente, um círculo que também, como composto de "manda" equivalente a essência e "la" equivalente a conteúdo, pode ser entendida como "o que contém a essência" ou "a essência" ou ainda "o círculo da essência" (GREEN, 2005, p. 7). Essa figura é formada por subdivisões, mais ou menos regulares, dividida por quatro ou múltiplas linhas. Parece irradiada do centro ou se move para dentro dele, dependendo da perspectiva do indivíduo (SAMUELS, SHORTER E PLAUT, 1998). É utilizada de modo esquemático. No mesmo tempo, pode ser entendida em certas tradições religiosas como uma manifestação espacial do divino, uma "imagem do mundo" (CHEVALIER E GHEERBRANT, 2001 p. 585). Jung diz que: "A palavra sânscrita mandala significa 'círculo habitual da palavra. No âmbito dos costumes religiosos e da Psicologia, desenhos circulares que são desenhadas, pintadas, configuradas plasticamente, (2002, pp. 385-387). Vários autores, entre eles também Jung (2002) Gheerbrant (2001), Samuels, Shorter e Plaut (1988), oferecem-nos a compreensão da conceituação da mandala, que pode ser compreendida como um símbolo mágico, símbolo do centro, da meta e do si-mesmo, enquanto totalidade e centralização da personalidade e produção de um centro novo nela. Esta compreensão da totalidade e do si-mesmo foi uma perspectiva importante pois repete as discussões do coletivo. Temos na metade inferior da mandala, dois perfis que se beijam – uma alusão ao debate trazido por Fernando Marinho. A forma de mandala ainda contém vários desenhos que representam as di-

temáticas abordadas pelos integrantes do coletivo. A representação visual de pessoas do mesmo sexo, neste caso em desenho gravado, será alvo segundo a abordagem da cultura visual, no próximo tópico juntamente com as obras intituladas Afeto 1, 2 e 3. Este trabalho apresenta estrutura de cartema *modus operandi* de Aloísio Magalhães, trata-se de uma estrutura de repetição de uma imagem, no nosso caso, uma gravura, torna-se a célula geratriz. Assim, nas palavras de Houaiss (2003, pp. 68-69), estabelece-se o conceito de calidoscópico de vaivém de parte e todo, ambas premissas de seu valor próprio e terceiro, que é o cartema em si". Afeto 1, 2 e 3 estabelece uma obra composta por três painéis com figuras masculinas e ao centro de cada um. No Afeto 1, painel amarelo, dois rapazes se olham, a frase vinculada é: E tu me ama e, por fim, no Afeto 3, painel vermelho, dois rapazes se beijam, com o texto se amam. Afeto 1, 2 e 3 propõe ao visitante, além do jogo visual próprio, um jogo discursivo no qual se afirma a capacidade humana de amar ou de ser amado por alguém e que outros, diferentes de nós mesmos, se amem. A crítica pública a estes trabalhos foi menos enfática se compararmos às obras de outros artistas que compunham o livro-objeto *Ilicença* exposto no Pluralidades. **5. COLEÇÃO CRÍTICA DA CULTURA VISUAL DA REPRESENTAÇÃO DO BEIJO EM OBRAS ARTÍSTICAS** Para Foucault e também Halperin, Winkler e Zeitlin, o sexo é uma construção natural, e sim uma construção de cada época. Portanto, significa que o conceito de sexo muda de acordo com a convenção de cada sociedade. Sendo assim, a convenção seria considerado natural e adequado porque assim como "práticas de configuração imaginável de prazer pode ser institucionalizada como norma" (HALPERIN, WINKLER, ZEITLIN, 1990, p. 171). Há registros de relações homoafetivas em várias culturas em todo o mundo e de uma grande variedade de formas, apresentaremos a seguir alguns exemplos. A representação de Khnumhotep e Niankhkhnum, de cerca de 2400 a.C., em uma pintura mural antiga, exhibe dois rapazes que se abraçam enquanto se olham, o vínculo entre eles está claro, eles podem ter sido irmãos, amigos ou amantes. Uma gravura da dinastia Qing apresenta um casal de homens amantes espionado por um terceiro, no acervo do Museu de Shanghai. Uma pintura persa que mostra o monarca Abbas e um pajem, com a seguinte dedicatória: "Espero que a vida te conceda o que os teus lábios desejam de teus amantes, do rio e da taça", de 1627, no Museu do Louvre. No acervo do Museu Britânico a taça Warren, de prata, com cenas sexuais que mostram dois pares de amantes do sexo masculino. No século I, encontrada em Bittir, perto de Jerusalém, conforme o s

Britânico. Segundo Lúcia Vieira em texto publicado em seu blog Dezar Warren deve-se ao colecionador norte-americano Edward Warren que a 1911. Também relata que após a morte de Edward Warren, a taça foi sucesso a várias instituições, incluindo o Museu Britânico, mas era demais explícita sexualmente. Em 1953 foi, inclusive, recusada nos EUA sensibilidade de um oficial da alfândega. Foi apenas em 1999, após consideráveis na lei e na atitude do público relativamente à homossexualidade passou a fazer parte do espólio do Museu Britânico, onde é atualmente mais apreciadas. Os Romanos estavam mais à vontade com imagens de nudez do que muitas outras culturas. A arte romana, desde objetos de luxo como a taça de Edward Warren, afrescos, esculturas e objetos do dia-a-dia, estava repleta de referências ao corpo humano e de momentos de intimidade. Tal como os Gregos, na figura de homem e jovem gregos praticam sexo intercultural, 550-525 a.C. acreditavam que a sexualidade era pautada por várias divindades, incluindo deusa do amor, Baco, deus do vinho e fertilidade, tendo sido frequentemente representados na arte e mitologia romana. Outro exemplo importante por sua vez são as pinturas da tumba do Mergulhador que foi “descoberta na necrópole del Prete, a aproximadamente 1,5 km ao sul da muralha de Poseidonia, da Magna Grécia, fundada por volta de 600 a.C” (POLLINI, 2008, p. 30) apresenta um “casal de amantes, onde um homem maduro, barbado, sentado com outro homem mais jovem, imberbe, ao mesmo tempo que este último mostra um torso.” (POLLINI, 2008, p. 319). Assim a representação visual de afeto entre pessoas do mesmo sexo, ou ainda, a representação de cenas homoeróticas, desde a antiguidade ou seja, desde a invenção da escrita, fazem parte de diversos registros. A representação do beijo e cultura do beijo na boca é igualmente antiga tal como descrita no livro de Julie Enfield, História Íntima do Beijo, que apresenta uma análise da cultura do beijo em diferentes países e épocas. Ora o beijo na linguagem do cumprimento social, como saudação, atitude de respeito, relação de reconhecimento e manifestação de vínculo afetivo. Mirzoeff destaca que o visual é um “campo desafiante de interação social e definição em termos de classe, gênero sexual e racial” (2003, p.20). Objetivando uma compreensão crítica da cultura do beijo no caso os três trabalhos, expostos nos dois projetos de extensão, Illice em Um e Afeto 1, 2 e 3, conforme Hernández (2000) que entende que as representações contribuem para a configuração atual das políticas da mídia e das relações de poder, todos os trabalhos apresentam o beijo homossexual como um elemento central. Para Sardelich “o foco de um trabalho de compreensão crítica da cultura do beijo não está no que pensamos dessas representações, mas sim no que, a partir del

pensar sobre nós mesmos.” (2006). Ela entende também que a representação de determinados temas e ou grupos sociais acabam por naturalizar e s determinado grupo social e/ou um tema como normal, aceitável. Na Ilicença, a despeito das fotografias serem produzidas de modo tradicional: branco e sem recursos de software de edição de imagens, possuem grand medida em que foram preparadas para, ao serem manipuladas, compor quais pessoas se tocam e se beijam a partir da sobreposição das transparê de estudantes, recepcionados pelos mediadores da exposição, tiver distintas com relação às composições, as jovens estudantes apresent tranquila e recepcionaram sem estranhamento a representação do toqu entre pessoas do mesmo sexo. Já os jovens estudantes tiveram reações intransigência às mesmas representações. Com esboços de reação ora de escárnio e indignação. As representações pareciam afrontar a masc estudantes e as jovens criticavam e ponderavam sobre o direito do out quiser ser. Grupos menores e visitantes individuais apresentavam i contidas. A gravura Múltiplos em Um, que apresenta várias cenas nu dentre as quais a de um beijo entre homens, não apresentou reação nega dos visitantes, eles não se referiram à cena, porém curiosamente, no reg realizado pela imprensa, a cena do beijo entre homens não era enquadrar seja, a gravura não era apresentada em sua totalidade. As gravuras Af provocaram menos aversão do que o Ilicença, apontamos três possíveis: esta resposta dos visitantes. A primeira por se configurarem em desen fotografia, meio que mais se aproxima do real. A segunda por apresenta impacto visual provocado pela impressão em preto sobre papel colorido ar vermelho. A terceira pelo efeito visual do cartema, que de longe faz a im abstrata dificultando assim a imediata identificação do tema do trabalh interessante, é que pessoas homossexuais manifestaram o desejo de adq

**CONSIDERAÇÕES** Nas análises da recepção do livro-objeto e d observamos que aquele mais próximo do irreal ou de efeito gráfico decorat pelo estilo do artista, tende a atenuar a rejeição à representaçã homoerótico. Já a fotografia que é assimilada como real tende a causar rejeição e indignação às representações homoeróticas. O discurso de homossexuais precisa ter fim. Entendemos que tais representações arti design gráfico, auxiliam na naturalização da manifestação do afet representações que auxiliam na visibilidade, para naturalizar as manifesta entre homossexuais se configuram como ação afirmativa. A liberdade de em espaço público é condição de toda pessoa. Estes trabalhos pro



www.

britishmuseum.org/the\_museum/london\_exhibition\_archive/archive\_warre  
x>

Acesso em: 1 jun. 2016. ONU. *Declaração Universal dos Direitos Hum.*  
UNIC/Rio/005. Janeiro de 2009.

Disponível em:

< http://

www.

dudh.org.br

/wp-content/uploads/2014/12/dudh.pdf

> Acesso em 5 agos. 2015. POLLINI, Airton. *Mergulhar no Satyricon de Fe-*  
*da tumba do mergulhador de Paestum e a cena da pinacoteca.* In: *História*  
*Debates*, Curitiba: Editora UFPR, n. 48/49, p. 303-320, 2008. SAMUELS,  
B.; PLAUT, F. *Dicionário crítico de análise junguiana.* Rio de Janeiro: Imã  
Editora, 1998. SARDELICH, Maria Emilia. *Leitura de Imagens, cultura vi.*  
*Educativa.* Cad.Pesqui., São Paulo, v. 36, n. 128, p. 451-472, agos  
Disponível a partir <http://

www.

scielo.br

/scielo.php

?

script=sci\_arttext&pid=S0100-15742006000200009&lng=en&nrm=iso>. /  
de agosto de 2016. SILVEIRA, Paulo. *A definição do livro-objeto.* In: D  
(org.). *Entre ser um e ser mil: o objeto livro e suas poéticas.* São Paulo :  
São Paulo, 2013. TERÇA-NADA!, Marcelo. *Livro-objeto.*

Disponível em:

<http://

marcelonada.redezero.org/artigos/livro-objeto.htm

|

>

Acesso em: 21 jun. 2014. VIEIRA, Lúcia. *Cálice romano com imagens*  
*principal atracção de exposição no Reino Unido.*

Disponível em:

<http://

dezanove.blogs.sapo.pt/124326.htm

|

>

Acesso em: 21 jun. 2016.

\*Especialista em Design de Hipermídia pela Universidade Anhembi Morumbi (2004). Graduado em Comunicação Visual pela Universidade Federal de (1991). Professor dos cursos de Design Gráfico e Arquitetura e U Universidade Tiradentes UNIT - SE, desde 2006. Regente de uma oficina expressão gráfica do Curso de Verão, promovido pelo Centro Ecumênico Evangelização e Educação Popular - CESEEP, em parceria com a Pontifícia Católica de São Paulo - PUC/SP, desde 1999. Fundador do Coletivo C Críticas. fernandomarinhofs@gmail.com

\*\*Mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia (2008). Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal de Sergipe (2001). Efetiva do Departamento de Artes Visuais e Design da UFS desde 2010. Grupo de Pesquisa em Leitura, Escrita e Narrativa: Cultura, Mediação, Gráfica, Editoração, Manifestações (PLENA) e do Grupo de Estudos Educação e Contemporaneidade (EDUCON). Fundadora do Coletivo C Críticas. Desenvolve pesquisa junto ao Doutorado em Educação do Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe sob orientação do professor Dr. Bernard Charlot. garridosevero@yahoo.com.br

Recebido em: 08/08/2016

Aprovado em: 09/08/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlot

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: